

MULHERES E FORMAÇÃO DOCENTE: GERAÇÃO DE UMA FAMÍLIA DE PROFESSORAS NO MUNICÍPIO DE IPIRÁ/BA¹

David Santos Soares²

RESUMO

Este artigo propõe uma discussão de uma pesquisa realizada com mulheres professoras de uma mesma família e suas formações docentes. Tem como objetivo geral, verificar quais os fatores que levaram mulheres de diferentes gerações, a optarem pela formação e profissão docente. E como objetivos específicos: Compreender como se constituiu a formação docente no Brasil e a feminização do magistério; Analisar a percepção das mulheres professoras de uma mesma família, sobre suas formações para o exercício da profissão docente. Nessa perspectiva, foi feita uma abordagem sobre a formação dos professores, a feminização do magistério, geração e profissão docente. A metodologia de natureza qualitativa utilizou como técnica de coleta de informações a entrevista semiestruturada, aplicada a quatro professoras de uma mesma família que atuam nos anos iniciais de uma escola pública no Município de Ipirá- BA. Os resultados apontam que frente à falta de oportunidade no mercado de trabalho local, a única opção foi a escolha pelo magistério. Acentuam que mesmo diante das diversas dificuldades, a formação docente foi fundamental para o exercício da profissão e para a identificação com a docência.

Palavras-chave: Professoras - Formação - Brasil. Professores de ensino de primeiro grau - Formação - Ipirá (BA).

ABSTRACT

This article proposes a discussion of a research carried out with women teachers from the same family and their teacher training. Its general objective is to verify the factors that led women of different generations to choose the training and teaching profession. And as specific objectives: To understand how teacher training was constituted in Brazil and the feminization of teaching; To analyze the perception of women teachers from the same family, about their training for the exercise of the teaching profession. From this perspective, an approach was made to teacher training, the feminization of teaching, generation and teaching profession. The qualitative methodology used the semi-structured interview as a technique for collecting information, applied to four teachers from the same family who work in the early years of a public school in the city of Ipirá-BA. The results indicate that, given the lack of opportunity in the local job market, the only option was to choose the teaching profession. They emphasize that even in the face of various difficulties, teacher training was fundamental for the exercise of the profession and for identification with teaching.

Keywords: Teachers - Training - Brazil. Primary school teachers - Training - Ipirá (BA).

¹ Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira Campus Malês (BA), sob orientação da Prof^a Dra. Carla Verônica A. Almeida.

² Graduando - Licenciatura em Pedagogia - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

INTRODUÇÃO

Este texto decorre de um interesse pessoal pelo tema das mulheres professoras no âmbito da formação docente. Inquietações próprias que partiram da minha convivência em uma família de professoras que se dedicaram ao magistério, especialmente pelas poucas oportunidades de trabalho no município de Ipirá-BA, ofertadas na época de suas formações por volta dos anos 70 e 80. Assim, era comum que muitas exercessem a profissão docente, considerada a mais propícia para as mulheres. O que nos faz lembrar da visão construída historicamente de que as mulheres tinham maiores sentimentos às crianças, quando comparadas aos homens, pois têm a capacidade de se relacionarem mais facilmente com as crianças, e até mesmo com as pessoas - os pais e os responsáveis pelos estudantes.

As mulheres professoras sempre tiveram presença marcante em minha vida desde a infância. Apesar da precária escolaridade de muitas pessoas da minha família, particularmente das mulheres, elas sempre se dedicaram e se esforçaram para fazer o que fazem e o que se propõem. As mais jovens foram alfabetizadas pelas mais velhas, que eram suas tias ou suas primas. Antes mesmo de frequentarem a escola, as aulas eram desenvolvidas em suas próprias residências, ou na casa de vizinhos.

As poucas oportunidades de trabalho no município de Ipirá especificamente até o final dos anos 90 - fez com que as mulheres se dedicassem ao magistério. Isso me fez questionar quais as condições, em termos de formação, elas tinham para ocupar aqueles lugares, pois as mulheres tem que aliar os cuidados da casa, dos filhos e o do marido com o trabalho docente, e isso exige muito delas, ou seja, as mulheres se sobrecarregavam com diversos afazeres.

Assim, a motivação para esta pesquisa teve origem a partir destas reflexões próprias ao viver e conviver em uma família com mulheres professoras, que vêm exercendo a docência em escolas públicas de Educação Básica, no município de Ipirá, no interior do estado da Bahia. Sobre as gerações de mulheres professoras, na minha família, a título de exemplo, tanto minha mãe quanto minhas tias e primas exercem o cargo de professoras.

No Brasil, o magistério constituiu-se historicamente como uma área com maior concentração de mulheres. Vivencio esta realidade no âmbito de minha própria família e é com este olhar que proponho a pergunta de investigação: Como as mulheres de diferentes gerações de uma mesma família percebem suas formações para o desenvolvimento da docência, como profissionais da Educação?

Com vistas a responder a referida inquietação, propomos como objetivo geral: analisar quais são os fatores que levaram mulheres de diferentes gerações, a optarem pela formação e profissão docente. E como objetivos específicos: Compreender como se constituiu a formação docente no Brasil e a feminização do magistério; analisar a percepção das mulheres professoras de uma mesma família, sobre suas formações para o exercício da profissão docente.

Para o alcance dos objetivos propostos utilizamos como metodologia a pesquisa de caráter qualitativo, uma vez que esta abordagem “dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais [...]” (FLICK, 2009, p. 37). A coleta de informações foi realizada por meio da aplicação de entrevista semiestruturada pois, esta técnica “valoriza o uso da palavra, símbolo e signo privilegiados das relações humanas, por meio da qual os atores sociais constroem e procuram dar sentido à realidade que os cerca (FLICK, 2009, p. 41). Nesse sentido, as entrevistas foram aplicadas a quatro professoras de uma mesma família pertencentes a diferentes gerações. Após a aplicação, as entrevistas foram transcritas e analisadas com a finalidade de contemplar os objetivos propostos.

Assim, esse trabalho visa colaborar para uma reflexão sobre a formação docente e a feminização no magistério, ao mesmo tempo em que direciona reflexões sobre a formação de um grupo de mulheres que se constituíram professoras através de diferentes gerações de uma mesma família.

Formação de Professores: notas de uma construção histórica do lugar da mulher

A história da formação de professores no Brasil teve início com os padres jesuítas, os quais tiveram uma formação clássica antiga nos padrões europeus cristãos. Os jesuítas catequizavam e ensinavam as crianças em espaços como os pátios de colégios ou as aldeias indígenas. Os conteúdos direcionavam-se “ao patrimônio de uma cultura que se pretendia homogênea, a mesma língua, a mesma religião, a mesma concepção de vida e aos mesmos ideais de homem culto-civilizado” (CASTRO, 2006, p. 12). Restrito apenas as crianças do sexo masculino, o ensino mais rebuscado estava voltado a formação de crianças pertencentes a elite; enquanto o ensino das primeiras letras visava preparar as crianças indígenas para difundirem os ideais da Companhia de Jesus.

Sobre este período, Vieira e Gomide (2008, p.13) afirmam que a formação docente estava entrelaçada com vários outros componentes da cultura escolar, que nem sempre se faziam

visíveis nos registros oficiais, mas se tornavam perceptíveis pelo estudo do momento histórico em que ocorreram. A docência era uma profissão exclusivamente masculina, uma vez que à mulher cabia a função de cuidar dos filhos e/ou das filhas, e dos afazeres domésticos.

No período imperial surgiram as primeiras escolas normais destinadas à formação de professores, qualificando profissionalmente não só os homens, mas também as mulheres. O que representava uma resposta às críticas e ao modelo excludente ao qual a educação estava submetida até aquele momento. A primeira escola normal instalada no Brasil foi no Rio de Janeiro, na cidade de Niterói, em 1835, após o ingresso de algumas mulheres nas escolas de primeiras letras como estudantes.

Neste cenário, “as mulheres foram ingressando no magistério aos poucos, conforme a própria evolução da profissão docente nas diferentes épocas, que remete a consolidação de um sistema de educação pública em fins do século XIX” (VASCONCELOS; FELIX, 2013, p. 278). A sociedade reserva, então, às mulheres a profissão de professora, por entendê-la como uma “[...] atividade de amor, de entrega e doação, para a qual ocorreria quem tivesse vocação” (LOURO, 1997, p.78). Até então as famílias não permitiam que as mulheres pudessem sair de casa, por ainda existir preconceito e a função da mulher ser entendida apenas como dona de casa. Quando foi permitido que as mulheres pudessem ir para escola, tornou-se possível que elas se formassem como educadoras e ocupassem um trabalho na sociedade.

Quando se fala da mulher no magistério, deve-se observar que a sua entrada no mercado de trabalho não aconteceu de uma maneira simples. Além disso, pode se afirmar que a docência foi uma das primeiras profissões aceita e reconhecida pela sociedade, a qual era permitida à mulher, desde que se observassem rigorosos padrões de comportamento tidos como padrões de “moralidade”. (VASCONCELOS; FELIX, 2013, p. 278).

Compreender que o magistério não era prioridade para os homens, não quer dizer que a docência seja uma formação para as mulheres, mas era uma determinada ocupação que oportunizava a inserção delas no mercado de trabalho. Uma vez que como já afirmado, “desde pequena a mulher era criada para casar e ter filhos, sendo o casamento e a maternidade as únicas formas possíveis de realização feminina e, caminhando na mesma linha de pensamento apresentava-se a capacidade de ensinar” (ARAGÃO, KREUTZ, 2012, p.65). Desta maneira, a educação era a área de trabalho que as famílias aceitavam que mulheres, no século XIX permanecessem. Caso contrário, elas deveriam ficar em casa e se casarem ou, deveriam se dedicar aos trabalhos do lar. Sendo assim, mesmo com a baixa qualidade de investimento na educação, as mulheres queriam ser professora.

Saviani (2009) chama a atenção de que as Escolas Normais eram consideradas muito onerosas, ineficientes qualitativamente e insignificantes quantitativamente, pois era muito pequeno o número de alunos formados. Essas escolas tinham uma formação própria, que visava aos professores trabalharem com as crianças, sem considerar as práticas didático-pedagógicas, e, então, eram um meio de fazer apenas uma preparação com os professores. Progressivamente, tornaram-se um espaço feminino, “[...] tornam-se escolas de mulheres. Seus currículos, suas normas, os uniformes, o prédio, os corredores, os quadros, as mestras e mestres, tudo faz desse espaço destinado a transformar meninas/mulheres em professoras” (LOURO, 1997, p. 454). E por segundo Almeida (2008), representar uma possibilidade de ascensão social, como também pelo afastamento dos homens do magistério em resposta aos baixos salários, ao controle estatal e às exigências pedagógicas.

A partir do golpe militar em 1964, houve modificações nos ensinos primários e médios e, então, foi criado o curso de magistério, o qual consolidou-se com a promulgação da lei 5692/71. Isso fez com que não existissem mais as escolas normais. De início, os professores trabalhavam em suas próprias casas e os custos eram por sua conta, e também, não era exigido nenhum diploma ou certificação, para exercer a profissão. De acordo com Sá e Rosa (2004),

Já no início do século XX, as mulheres vão se tornando maioria no exercício da profissão docente, enquanto os homens vão ocupando os postos superiores na hierarquia burocrática. Hoje, assistimos a presença cada vez menor dos homens nesse cenário. O crescente desprestígio da profissão docente, sobretudo como decorrência dos baixos salários, explica em algumas pesquisas, em grande parte o processo cada vez maior de evasão de professores e professoras, que atinge sobremaneira os docentes do sexo masculino. (SÁ, ROSA, 2004, p. 01)

De fato, o ingresso das mulheres no mercado de trabalho não foi fácil. Só depois de muitas organizações e protestos, a sociedade aos poucos foi aceitando. Sendo assim, a escola tornou-se o espaço que absorveu uma grande quantidade de mulheres com o papel de educadora, e assim, o magistério foi sendo demarcado como um lugar para as mulheres. Essa formação era o que fazia com que elas pudessem ter um trabalho estável e digno, e, também uma possibilidade de continuarem estudando, mesmo que a remuneração não fosse significativa e não houvesse muito reconhecimento da profissão.

A feminização do trabalho docente: uma questão de gênero

Como já discutido, o magistério tornou-se um avanço para as mulheres, visto que aos poucos elas conseguiram ter a total permissão para lecionar e conseguir auxiliar com as atividades do lar, como afirmam os autores:

[...] quando da inserção feminina no mercado de trabalho ainda era tímida, lecionar poderia ser a saída para as mulheres que desejavam se dedicar a outras atividades, sem precisar abandonar o lar e os filhos, já que era possível trabalhar somente meio período, recebendo um salário razoável e ainda ter tempo para cuidar da vida pessoal (ARAGÃO, KREUTZ, 2012, p. 65).

O trabalho docente se tornou um espaço feminino, sendo o magistério visto como a extensão do lar, “numa feliz combinação entre professora competente e dona de casa amorosa” (ARAGÃO, KREUTZ, 2012, p. 65). Neste sentido, Scott (1989) explica que, o papel da mulher anteriormente era apenas no trabalho doméstico e a sua vida era propriedade do patriarcado. Conforme, Vasconcelos e Felix (2013), o ensino era caracterizado pelo gênero e isso levava que a distinção entre homens e mulheres em relação a aprendizagem.

Na história da educação brasileira vemos que, a partir das últimas décadas do século XIX, o ensino torna-se gratuito e “aberto” a todos, e isso também incluía as mulheres. Porém, o ensino estava caracterizado por questões de gênero e o aprendizado para homens continuava diferente do aprendizado destinado às mulheres. Além disso, os professores, deste período, davam aulas para alunos do mesmo sexo que o seu, não havendo, exceto algumas experiências bastante discutidas, salas mistas. (VASCONCELOS; FELIX, 2013, p. 276)

A herança patriarcal coloca as desigualdades entre homens e mulheres de várias maneiras, a dominação vem de forma masculina sobre a mulher. Ademais, a mulher era vista como “a chave” da reprodução, pois é o seu corpo que é usado para procriar e reproduzir a população. Isso impactou na carreira do magistério, já que, a estratificação da carreira e o rebaixamento salarial definiram e continuam a definir, as profissões consideradas como femininas quando comparadas com os homens, havendo assim a demonstração da desigualdade.

A divisão de trabalho entre homens e mulheres assinalava assim distinções entre as profissões, e dessa forma, o trabalho docente passou a ser também analisado a partir desta perspectiva. De acordo com Vianna (2013)

[...] A entrada das mulheres no magistério deve ser examinada a partir das relações de classe e gênero. Trata-se de um dos primeiros campos de trabalho para mulheres brancas das chamadas classes médias, estudiosas e portadoras de uma feminilidade idealizada para essa classe, mas também protagonistas da luta pelo alargamento da participação feminina na esfera econômica. (VIANNA, 2013, p. 164)

O cenário excludente, a subalternidade e a baixa remuneração das mulheres diante de outras frentes de trabalho, a exemplo das fábricas, provocou o início de uma luta pela igualdade de gênero para que as mulheres tivessem os mesmos direitos sociais, trabalhistas e inclusive o direito ao voto. O movimento feminista que se tornou uma ação política que buscava promover os direitos das mulheres na defesa da igualdade entre os sexos. Por meio de suas reivindicações, as mulheres foram avançando em relação à ampliação de seus espaços e ocupando as escolas e muitos outros lugares de privilégios.

As relações de gênero, como categoria histórica analítica, oferecem reflexões e explicitações sobre as práticas culturais e sociais que condiciona as formações identitárias dos sujeitos, no caso de ser homem e ser mulher. De tal modo, que ser homem ou mulher não é definido pelo sexo biológico de cada um/a, mas a partir de relações sociais e culturais que determinam lugares, deveres e direitos distintos conforme a identidade de gênero atribuída (COSTA, SILVEIRA; MADEIRA, 2012)

Scott (1989, p. 6), explica que a palavra “gênero” é sinônimo de “mulheres”, onde o livro vem ultimamente substituído o termo “mulheres” por “gênero”. Nessas circunstâncias, o uso do termo “gênero”, visa indicar a erudição e a seriedade de um trabalho porque “gênero” tem uma conotação mais objetiva e neutra do que “mulheres”.

Ainda sobre o conceito de gênero, Viana (2013) afirma que a sua utilização deve ser vista como uma categoria explicativa de análise que possibilita a compreensão dos elementos que foram tradicionalmente associados às desigualdades da condição feminina. Uma das dimensões a ser destacada é a estratificação da carreira e o rebaixamento salarial. A segunda trata dos significados de gênero que marcam as relações escolares, as identidades e práticas docentes.

As preocupações teóricas relativas ao gênero como categoria de análise só apareceram no final do século XX. Elas estão ausentes na maior parte das teorias sociais formuladas desde o século XVIII até o começo do século XX. De fato, algumas dessas teorias construíram a sua lógica sob analogias com a oposição masculino/feminino, outras reconheceram uma “questão feminina”, outras ainda se preocuparam com a formação da identidade sexual subjetiva, mas o gênero, como o meio de falar de sistemas de relações sociais ou entre os sexos, não tinha aparecido (SCOTT, 1989, p.19)

Para Vianna, (2013, p. 171), “as mulheres passam a ser geralmente associadas às atividades como alimentação, maternidade, cuidado e educação. Enquanto os homens são costumeiramente vistos como provedores e relacionados ao uso do poder”. Assim, compreende-se que os homens devem ocupar a colocação de poder e as mulheres serem vistas como as domésticas.

A categoria gênero enquanto construção histórica social foi sendo amadurecida ao longo dos anos, posto que anteriormente fazia-se a distinção entre os sexos, não havendo uma análise sobre o que hoje é considerado gênero. Scott (1989) chama atenção de que gramaticalmente, gênero “é compreendido como um meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes. As classificações sugerem uma relação entre categorias que permite distinções ou agrupamentos separados”. (SCOTT, 1989, p. 3)

Apesar de não ser novo, sempre é necessário dar visibilidade e conhecimento sobre a feminização no magistério. O que na visão de Vianna (2013), é um processo que faz parte das relações de gênero, para ela,

Em se tratando da docência, o processo de feminização do magistério passou a ser visto como um aspecto referente às relações de gênero presentes nas ações coletivas, organizadas ou não por mulheres. Esse processo expressava a divisão sexual do trabalho e a reprodução de um esquema binário que situava o masculino e o feminino como categorias excludentes e que dava sentido à história de professoras e professores e às suas práticas escolares. (VIANNA, 2013, p.160).

A feminização no magistério significou um progresso para as mulheres, já que, foi através dessa qualificação que elas conseguiam ter uma profissão, isto é, à docência permitiu com que elas não permanecessem envolvidas nos trabalhos domésticos. Com os anos, a carreira foi ganhando certo reconhecimento, sendo implementado o curso de graduação em pedagogia.

O Magistério para diferentes gerações

De forma ampla podemos pensar que a profissão magistério caracteriza-se com a palavra geração, pois essa colocação foi passando de mães para filhas, como para tias, primas, enfim para diferentes graus das famílias. Moraes (2003), especifica geração como a maneira que as pessoas compartilham entre si as crenças, os valores, as convicções, os estilos de vida, os modos

de ser, de viver, de se comportar e de conceber o mundo transmutando-o através das lentes do tempo. É, portanto, o sentimento de pertencimento a um grupo, faixa etária com uma identidade referencial articulada a contextos de produção e visões de mundo.

Nas décadas passadas, não existiam muitas opções de trabalhos para serem escolhidos, foi então que a formação no magistério se aproximou das gerações, já que, o trabalho era passado para as diferentes gerações das famílias, principalmente, em relação às mulheres, pois, geralmente elas eram privadas de ter uma profissão e só poderiam exercer a docência, somente no espaço privado, como citado. Vasconcelos e Felix, evidenciam o dito:

Para a mulher do final do século XIX, até as primeiras décadas do século XX, não haviam muitas opções socialmente aceitas e reconhecidas. Dessa forma, ainda que concluíssem os estudos básicos, ao sair da escola, ou tornava-se dona de casa, por meio do casamento, ou iriam ser professoras. O lugar da mulher era, notadamente, o espaço privado. (VASCONCELOS & FELIX, p. 276)

Visto que só tinham duas opções de colocação para as mulheres, muitas optaram para a docência, e, assim, continuaram entre o público e o privado, pois, dão conta da profissão, de sua família e dos trabalhos do lar.

Essas mulheres então, tinham que saber dá conta de tudo, principalmente de sua família, isso por questão de quer nas décadas passada, a família era a base para tudo, e isso era cobrado de cada uma, pois tinha que ter uma atenção maior para sua família, e as mulheres sempre pensava e repensava em que deveria fazer, mas com o passar do tempo houve algumas modificações, e em algumas famílias tinham a ajuda dos maridos ou dos filhos, como afirmam Androsio e Costa (2010),

Os papéis antes eram preestabelecidos dentro da família e, hoje isto já não está acontecendo com tanta frequência. Está existindo uma individualidade onde, pai, mãe ou filho, lutam por seus direitos, igualdades, sua identidade e até mesmo pela sobrevivência de cada um, sem necessariamente deixar de ser família apesar da redefinição dos papéis. (ANDROSIO; COSTA, 2010, p. 5)

Mas, nem sempre para as mulheres acontece dessa forma, uma vez que para os autores, mesmo após as grandes conquistas da mulher e dos avanços tecnológicos, o papel da mulher ainda é permeado por ranços de tradicionalismo, vista apenas como cuidadora da família e a responsável pelo zelo da casa. “Na contemporaneidade, diferente do tradicional, soma sua inserção no mercado de trabalho à sua função na família, gerando a dupla jornada da mulher, dentro e fora de casa”. (ANDROSIO; COSTA, 2010, p.11)

E assim, é possível ver que o papel da mulher mesmo passando de geração em geração ainda está em ser a cuidadora da família e a que tem o papel de cuidar de seu lar, mesmo tendo sua profissão, sendo ainda acarretada de trabalhos, ela tem que ter dupla jornada para dá conta da família e do trabalho. A mulher ela sempre foi vista como a pessoa exclusiva para ocupar o espaço familiar, e assim, não tinham a liberdade de escolha para poder se profissionalizar e ter que dá conta apenas de sua profissão, e deixar de lado os cuidados com a casa e com a família.

É através da educação que se procura desenvolver as potencialidades das pessoas, para que, assim, sejam integrados à comunidade social. A quem considere que a responsabilidade educacional seja dever da família, no entanto, com o passar do tempo essa responsabilidade passou para a escola. O docente se mantém nessa profissão buscando sempre saídas para as dificuldades e planejando os seus trabalhos e sempre buscando seus direitos, pela dignidade e respeito a seus afazeres.

A feminização do magistério carrega tem uma constituição histórica marcada por intensas lutas que anunciam e denunciam desigualdades de oportunidades em prol da educação das mulheres, do seu lugar no mercado de trabalho, da conquista de direitos nas esferas públicas, assim como a valorização da profissão docente. Os impactos da feminização do magistério incidiram significativamente nas representações do exercício da profissão.

Formação docente familiar: o que dizem as professoras

Como já afirmamos, as professoras que fazem parte deste estudo pertencem à mesma família e o processo de formação docente foi se constituindo de geração para geração demarcando a docência como a profissão majoritariamente feminina. Foram entrevistadas quatro professoras, tendo a mais velha, alfabetizada a mais nova, que também veio a tornar-se professora. O quadro a seguir, apresenta o perfil das professoras:

Quadro 01: Perfil Biográfico das Professoras

Nome	Idade	Tempo de magistério	Formação	Tempo de atuação na escola	Série(s) em que atua
Prof. ^a Alice	57	34 anos	Pós graduada	30 anos	1° e 2° ano
Prof. ^a Valdete	59	35 anos	Magistério	30 anos	2° ano
Prof. ^a Eremita	58	30 anos	Magistério	30 anos	3° ano
Prof. ^a Roseli	41	21 anos	Pós graduada	15 anos	4° e 5° ano

Fonte: elaborado pelo autor da pesquisa

Conforme apresentado no quadro 01, das quatro professoras, duas possuem o magistério e duas são pós-graduadas. A faixa etária das professoras varia de 41 a 57 anos, tendo todas elas mais de vinte anos de magistério. Cabe registrar que dentre as professoras, uma já se encontra aposentada.

Ao iniciarem a entrevista, as professoras fizeram uma retrospectiva da trajetória docente, recordaram vivências e situações experienciadas, as quais ficaram gravadas em suas histórias, deixando marcas primordiais em suas lembranças. Assim, ao serem questionadas sobre os motivos que levaram a escolha da profissão docente, todas afirmaram que na época era a única oportunidade que havia na cidade, mesmo não sendo a opção desejada: *A única oportunidade de profissão que tinha naquela época no município, minha vontade era ser enfermeira* (Prof.^a Valdete - 59 anos).

A profissão docente foi escolhida pelo fato de ser a oportunidade existente para as mulheres, mas não só isso. Escolhi essa profissão por ver a necessidade das crianças precisando de educação e não tendo acesso à escola. Então fui em busca de educá-las, fiz minha formação e antes mesmo de ser contratada para trabalhar, vi a necessidade das crianças de aprender e formei uma turma em minha casa mesmo. (Prof.^a Eremita - 58 anos)

Percebemos que a escolha pela docência se constituiu como a única opção para as professoras se profissionalizarem. Contudo, a sensibilidade com as crianças ainda não escolarizadas por não terem acesso à escola, se constituiu como fator primordial para a Prof.^a Eremita escolher a profissão. Sendo na época a única forma que encontraram para trabalhar, três das docentes afirmaram que o contexto do município de Ipirá impulsionou a escolha da profissão docente. Entretanto a professora Roseli por ser de uma geração mais jovem, destaca que em sua época [...] *já tinha a oportunidade de sair para outra cidade à procura de emprego, podia se fazer outros cursos, não tinha apenas a docência, eu escolhi a docência pelo fato de conclui o magistério e no ano seguinte já teve concurso e eu passei.* (Prof.^a Roseli - 41 anos). Assim, mesmo que a sua geração já tivesse a possibilidade de buscar emprego em outros locais, a aprovação em um concurso público fez com que a professora permanecesse na cidade mas, exercendo a profissão de magistério.

Para Almeida (2008, p. 99), a condição feminina é, indiscutivelmente, elemento norteador das escolhas profissionais. A opção pelo magistério, em alguns casos, foi uma escolha delimitada pelo contexto de mulheres de classes populares, na sua maioria, e nascidas em cidades do interior do Estado. Para elas, ser professora era pouco atraente num contexto sem muitas alternativas.

Ao serem questionadas se a família contribuiu para a escolha da formação docente, duas professoras afirmaram que sim: A Prof.^a Eremita (58 anos) diz que [...] *a família sempre me deu total apoio, por ver a necessidade de Eu educar as crianças próximas*. A família da Prof.^a Roseli (41 anos) também influenciou uma vez que ela *deveria seguir os passos das minhas irmãs mais velhas que já ensinavam*. A influência da família em relação à escolha profissional das docentes foi determinante, inclusive porque para uma delas, significava dar prosseguimento a mesma formação das irmãs que a antecederam.

Todavia nem sempre a influência da família era para que as filhas tivessem uma formação; como registra a Prof.^a Alice (57 anos): *como era a única oportunidade que tinha na cidade, eu mesma corri atrás para não ficar dentro de casa, muitas vezes saía escondido para ir estudar, porque meus pais não aceitavam que eu estudasse*. A professora Valdete (59 anos) também afirma que a família não a influenciou pois, segundo ela, *foi pela minha vontade de crescer na vida, de ir em busca de meus sonhos e por ser a única profissão que as mulheres podia exercer, que eu escolhi essa formação*. Ainda que a família não tenha influenciado, a escolha pelo magistério se configurou como uma oportunidade estudar, já que não tinha a permissão dos pais ou de “vencer na vida”, concretizar um sonho.

A formação em magistério significou para as docentes não apenas a profissionalização mas também a oportunidade de ingressarem nas salas de aula para trabalharem com crianças do curso primário. Assim, as professoras argumentaram que a formação em magistério possibilitou o contato com a prática, especialmente através do Estágio, como podemos constatar nos relatos: [...] *antigamente a formação do magistério tinha muita prática no estágio. A gente tinha que elaborar planos e dá muita aula, e por fim a formação era de excelência* (Prof.^a Alice - 57 anos); *Durante o meu magistério foi preciso ter muita dedicação, pois tinha muita cobrança e era preciso fazer muito estágio, era preciso ter criatividade e saber conduzir a sala de aula, mesmo sendo a primeira experiência* (Prof.^a Valdete - 59 anos). Para as docentes, ainda que houvessem cobranças e muitas atividades, o estágio era considerado como atividade essencial e de excelência.

A prática realizada nas escolas, por meio do estágio supervisionado, é considerada conteúdo da formação, não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como atividade de transformação da realidade. Nesse sentido, o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objeto da práxis [...] (PIMENTA, 2008, p. 45)

O Estágio Supervisionado nos proporciona a visualização da prática enquanto concretização da teoria, pois permite observar o quanto à teoria é importante no momento da ação docente. As falas das docentes colaboram com esta assertiva: *O curso foi de grande contribuição, com o magistério pude aprender muita coisa e aperfeiçoar minha prática, pois ele fez com que pudesse dedicar muito e aprender diferentes métodos para contribuir com o ensino e aprendizagem.* (Prof.^a Eremita - 58 anos); *Com o magistério eu aprendi muito, o sentido e a prática foi toda adquirida no magistério* (Prof.^a Roseli).

O estágio é o momento efetivo com a realidade vivenciada no dia a dia da profissão docente, permeado por diversos fatores que se mesclam: satisfações, alegrias, ansiedade e dificuldades entre outras. Nesse sentido, questionamos as entrevistadas sobre as dificuldades no início do trabalho, e obtivemos como respostas:

No início não foi nada fácil, tinha que ir caminhando para escola, e a escola era muito longe, não tinha um local certo para ser escola, era um espaço cedido pelo senhor em sua casa, não tinha muita estrutura e nem mesmo material didático. (Prof.^a Alice - 57 anos)

As condições eram muito precárias, precisava muito da ajuda dos outros. Muitas vezes dormia na casa dos vizinhos porque não tinha como chegar em casa, andava muito, não tinha transporte e quando anoitecia era muito perigoso. Então tinha que dormir fora de casa, também faltava muita ajuda da Secretaria de Educação e não tinha nem mesmo material didático. (Prof.^a Valdete - 59 anos)

Tinha muita dificuldade, muitos obstáculos, não havia nenhum transporte para nos deslocarmos. Eram locais muitos distantes que tinha que ir para se reunir com as outras professoras, quando tinha reuniões. Locais que não tinham boas estruturas para ser escola, e nem materiais que nos ajudassem a desenvolver o trabalho. Mas nunca pensei em desistir. (Prof.^a Eremita - 58 anos)

Na minha época não tinha melhores condições. A escola era precária, não tinha muito disponibilidade de transporte, não tinha muito apoio pedagógico, e nem incentivo. Na escola que comecei a trabalhar tinha muitas dificuldades como alagamentos quando chovia... A estrutura era muito ruim, e o ano letivo ficava comprometido por muitas vezes. (Prof.^a Roseli - 41 anos)

Podemos perceber que as dificuldades enfrentadas pelas docentes são de diferentes ordens, desde a difícil locomoção e acesso a transporte, não apenas para chegarem ao local de trabalho como também, retornarem para casa, até a estrutura física da escola, com instalações precárias. A falta de materiais didáticos também foi apontada como uma dificuldade, o que na visão de algumas professoras impactava no desenvolvimento do trabalho. Contudo mesmo sem

a colaboração da Secretaria de Educação, as professoras buscavam desempenhar o trabalho da melhor forma, “sem pensar em desistir” (Prof^a Eremita).

A formação docente foi seguida por essas mulheres como uma oportunidade de emprego, mas que com o decorrer do tempo foram se afeiçoando e se encantaram pela profissão, a ponto de não desejarem estar em outro lugar, de não se arrependem, como sinalizam os relatos:

Tenho muita satisfação com a minha profissão e não me arrepenho pela escolha. Mas também não indicaria para meus filhos, por experiência própria e as dificuldades que já passei. Sei que tem outras profissões que são melhores, assim como também sei que amo o que eu faço, e sou muito grata a professora que sou hoje. Mas nos dias que estamos vivendo, e a educação como está, não gostaria que meus filhos fossem professores. (Prof.^a Valdete - 59 anos)

Não, tem algumas coisas que me deixa triste, que me faz pensar sobre essa profissão, mas arrependimento não tenho. Tem as dificuldades, mas com o tempo aprendemos a lidar com elas. As dificuldades estão em qualquer profissão. (Prof.^a Eremita - 58 anos)

Mesmo estando nessa profissão por ser minha única oportunidade, hoje eu sou apaixonada pelo que faço. São muitos anos de dedicação e trabalho, mesmo com tantas dificuldades, não tem como se arrepender. Quando vejo os alunos aprendendo é o maior prazer, mas também não indicaria para meus filhos, pois trabalhar na educação hoje em dia se tornou muito difícil. Pelas dificuldades impostas e também pelo fato de ser uma profissão que exige muita dedicação e não é reconhecida. Amo o que faço, mas gostaria que fosse mais reconhecida. (Prof.^a Alice - 57 anos)

Nunca me arrependerei. A docência é algo que tem que ter amor pelo que se faz, é uma profissão que faz a pessoa construir uma outra família. O vínculo com os alunos é imenso, e isso é grandioso demais, mesmo sendo difícil estar nessa área, as crianças compensam as dificuldades. (Prof.^a Roseli - 41 anos)

Diante das dificuldades impostas, é notória a satisfação e identificação das professoras pela docência e nesse sentido persistem no exercício profissional. Nessa perspectiva, a formação docente foi seguida por essas mulheres como uma oportunidade de emprego, mas que ao longo da trajetória e enfrentando os percalços da profissão seguem firmes e fortes. Entretanto ao se referirem aos filhos, algumas delas categoricamente afirmam que não gostaria que seguissem a mesma carreira delas, seja pelas dificuldades ou pela desvalorização.

Assim, ao recordarem aspectos da formação docente, as professoras retiram das experiências que contam, fatos, momentos e recordações contidas no “acervo” da memória pessoal e profissional em um “encontro” que reúne gerações de uma família de professoras.

Considerações Finais

A formação docente no decorrer da história do Brasil se constituiu como um grande desafio ligado a questões sociais, culturais, políticas e educacionais que cerceou e excluiu por muitos anos a participação das mulheres no cenário profissional. Com a criação das Escolas Normais e o advento da feminização do magistério, junto aos movimentos desencadeados pelas mulheres em prol dos seus direitos de igualdade, a docência tornou-se uma atividade majoritariamente feminina.

Tal afirmação ainda se faz presente no imaginário da docência em vários contextos formativos. É neste sentido que apresentamos os resultados desta pesquisa que contou com a participação de quatro professoras pertencentes a mesma família, cuja formação se deu no período dos anos 70 e 80, no município de Ipirá-Ba; época em que o magistério era a única formação profissional para as mulheres.

Assim, por meio dos relatos do seu processo formativo as professoras, as professoras recorrem a memória através das lembranças, das suas experiências e acontecimentos significativos para a sua vida profissional. “[...] a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança.” (BOSI, 1999, p. 53). Assim, surgem lembranças dos espaços sociais, das influências, proibições, inquietações, dúvidas e certezas que constituíram a formação das professoras.

Através dos resultados da pesquisa foi possível percebermos que o magistério foi profissão que as mulheres encontraram para se profissionalizarem e construírem suas vidas, diante da falta de oportunidade no mercado de trabalho local na época. Mesmo diante das dificuldades no percurso formativo, a persistência e a identificação que foram se construindo tornaram-se cruciais para o sentimento de valorização e pertencimento a docência.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Carla Verônica A. **Trajetórias de Vida e de Leitura: Interfaces para a Formação de Professoras**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Família na Sociedade Contemporânea. Ucsal, 2008.
- ARAGÃO, Milena Cristina; KREUT, Lucio Kreutz. “A Mulher é Naturalmente Educadora” Representações de professoras sobre a docência: entre discursos históricos e atuais. **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia-MG - v. 25, n. 1 - Jan./Jun. 2012 – ISSN online 1981-3082. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/7395>> Acesso em: 10 nov. 2020.
- CASTRO, Michelle Guedes Bredel. Uma retrospectiva da formação de professores: histórias e questionamentos. VI Seminário da Rede Estrado – Regulação Educacional e Trabalho Docente. UERJ, Rio de Janeiro, p. 1-18, 2006.
- COSTA, Irla Henrique; ANDROSIO Valéria de Oliveira. As transformações do papel da mulher na contemporaneidade. Governador Valadares: 2010. Disponível em: <[as transformações do papel da mulher na contemporaneidade - irla henrique costa \(univale.br\)](http://www.univale.br/transformacoes-do-papel-da-mulher-na-contemporaneidade-irla-henrique-costa)> Acesso em: 28 fev. 2021
- COSTA, R.; MADEIRA, M.; SILVEIRA, C.. **RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina**. 17º Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, Brasil, dez. 2012. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/17redor/>> . Data de acesso: 22 Fev. 2020.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: O dicionário da língua portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição Marina Baird Ferreira. – 8. Ed. – Curitiba: Positiva, 2010.**
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Tradução de Joice Elias Costa. Bookman, 2009.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 443-481.
- MORAIS, Grinauda Medeiros. **O ofício da profissão docente pelas mãos de gerações sucessivas de professoras**. In: II Congresso Brasileiro de História da Educação, 2003, Natal. História e memória da educação brasileira. Natal: NAC, 2003. V.I. p. 1-8. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0506.pdf>> Acesso em: 27 ago. 2017.
- PIMENTA, Selma Garrido. Estágio: diferentes concepções. In: PIMENTA, Selma Garrido;
- LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.
- SÁ, Carolina Mafra de; ROSA, Walkíria Miranda. A História da Feminização do Magistério no Brasil: uma revisão bibliográfica. In: III Congresso da Sociedade Brasileira de História da Educação. Anais. Curitiba (PR), 07 a 10 de novembro de 2004. Disponível em: <

<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo5/477.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14 n. 40, p. 143-155 jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>> Acesso em: 20 set. 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Disponível em: <file:///C:/Users/Carla/Downloads/71721-297572-1-PB.pdf>

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; FELIX, Ignez de Oliveira. Histórias de vida: mulheres professoras e a escolha do magistério. **Indagatio Didactica**, vol. 5(2), p. 273-288, outubro 2013. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/ID/article/view/2451/2322>> Acesso em: 20 dez. 2019

VIANNA, Claudia Pereira. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). **Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações**. Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 159-180.

VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski; GOMIDE, Angela Galizzi Vieira. História da Formação de Professores no Brasil: o primado das influências externas. **Anais do VIII Educere**, PUC-PR. 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/267782582_historia_da_formacao_de_professores_no_brasil_o_primado_das_influencias_externas>. Acesso em: 20 set. 2020.